

A PASSAGEM DA FENOMENOLOGIA PARA A HERMENÊUTICA FILOSÓFICA NO PENSAMENTO DE PAUL RICOEUR*

The passage from phenomenology to philosophical hermeneutics in the thought of Paul Ricoeur

Frederico Soares de Almeida**

Resumo

O objetivo desse artigo é apresentar a passagem da fenomenologia para a hermenêutica filosófica ocorrida no pensamento de Paul Ricoeur. Ao construir uma reflexão sobre a experiência do mal, Paul Ricoeur percebeu que a fenomenologia não dava conta de explicar tal experiência. Essa temática do mal o levou a desenvolver outra abordagem metodológica diferente da fenomenologia. A partir desse momento Ricoeur encontra na hermenêutica um novo método de seu fazer filosófico. Este novo método buscado por Ricoeur, o levará a possibilidade de analisar o problema do mal a partir da interpretação e das análises dos símbolos e dos mitos. Ao desenvolver uma hermenêutica que no seu primeiro momento tem como objetivo interpretar os símbolos, Ricoeur busca de forma nova construir uma simbólica do mal com o intuito de ultrapassar o abismo da possibilidade para a realidade. É a partir da simbólica do mal, que ele procura preencher a distância entre a simples possibilidade do mal e a realidade da falta. Sua hermenêutica neste momento será entendida como hermenêutica dos símbolos.

* Artigo enviado em 24/09/2013 e aceito para publicação em 06/11/2013.

** Graduado em Teologia pela Fate-BH (Izabela Hendrix), graduado e mestrando em Filosofia pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e de Teologia (FAJE). E-mail: fredkrav@gmail.com

Palavras-chave: Fenomenologia; mal; hermenêutica.

Abstract

This paper aims to show the transition from Phenomenology to philosophical Hermeneutics in Paul Ricoeur's thought. When he made a reflection about the experience of evil, Paul Ricoeur realized that Phenomenology could not explain such experience. The evil's problem led him to develop another methodological approach that was different than Phenomenology. From this moment, Ricoeur found in Hermeneutics a new method to philosophize. This new method led him to analyze the problem of evil from the interpretation and the analyses of symbols and myths. He developed a Hermeneutics, which at first had the objective to interpret the symbols, Ricoeur searched a new way to build a symbolic of evil in order to go across the abyss between possibility and reality. From that symbolic of evil, he tried to bridge the gap between the simple possibility of evil and the reality of the lack. His Hermeneutics will be understood, at that time, as the Hermeneutics of symbols.

Keywords: Phenomenology; evil; hermeneutics.

1. Introdução

O homem é compreendido como um ser de linguagem, que busca ao tempo todo interpretar-se e interpretar o mundo que está em sua volta. São essas interpretações que o ser humano realiza que vão nortear a maneira como os mesmos conduzirão suas vidas, seja por interpretações da realidade por um viés religioso, seja por uma interpretação científica, ou qualquer outra. A partir dessa questão,

percebe-se a relevância da hermenêutica e aqui mais especificamente da hermenêutica filosófica para a sociedade contemporânea.

Este artigo surgiu da percepção do autor em querer conhecer um pouco mais sobre a hermenêutica filosófica. Para isso, viu-se a necessidade de estudar o vasto pensamento de Paul Ricoeur pelo fato, dele ser um dos herdeiros da tradição hermenêutica e sendo também um dos inovadores desta tradição trazendo para a hermenêutica um momento crítico. Não tem como falar da hermenêutica contemporânea sem passar pelo pensamento de Ricoeur.

Para entender um pouco mais a respeito do pensamento ricoeuriano, é preciso compreender o que levou este renomado pensador a buscar na hermenêutica seu carro chefe dentro da sua reflexão filosófica. É daqui que surge o principal motivo da construção deste artigo, entender os motivos que levaram Ricoeur a realizar a passagem da fenomenologia para hermenêutica filosófica e a compreensão que ele desenvolve da mesma.

Sendo assim, este artigo será dividido em três partes. A primeira parte terá como foco principal apresentar o itinerário ou percurso intelectual de Paul Ricoeur mostrando os impasses que ele encontrou na fenomenologia e sua necessária virada para a hermenêutica. Será feita de forma breve uma revisão biográfica de Ricoeur e uma revisão bibliográfica de algumas de suas obras que estão diretamente relacionadas com o tema desta investigação. Na segunda parte, focalizaremos no pensamento fenomenológico de Husserl mais especificamente na leitura que Ricoeur realiza do mesmo, como o objetivo de desenvolver sua própria compreensão a respeito da fenomenologia. Na terceira e última parte deste artigo, será exposto brevemente, a hermenêutica filosófica de Paul Ricoeur.

Neste momento será apresentado a hermenêutica ricoeuriana dos símbolos.

Pretende-se construir esse caminho para mostrar o que levou Paul Ricoeur a fazer a passagem da fenomenologia para a hermenêutica filosófica e a compreensão que ele irá desenvolver da mesma. Esta pesquisa não tem como propósito analisar todas as fases da hermenêutica filosófica ricoeuriana, mas sim apresentar sua hermenêutica dos símbolos.

2. O desenvolvimento da vida e do pensamento de Paul Ricoeur

Paul Ricoeur nasceu em 25 de fevereiro de 1913, em Valence, onde seu pai tinha como profissão ser professor de inglês¹. Órfão dos pais, ele foi criado por seus avós em um ambiente familiar idoso, onde recebeu toda a sua educação num lar protestante de orientação calvinista.

Diante da educação que recebera de seus avós, Paul Ricoeur herdou a prática de ler diariamente a Bíblia. Desde cedo procurava realizar uma leitura não literalista das Escrituras buscando mais uma leitura dos Salmos, dos livros de Sabedoria e das Bem-Aventuranças que inspirassem a vida cotidiana².

A religião sempre esteve presente na vida e no pensamento filosófico de Paul Ricoeur exercendo uma influência muito grande, o que se tornará nítido, sobretudo, no posterior desenvolvimento de sua hermenêutica filosófica.

¹ RICOEUR, 1997, p. 13.

² Idem, p. 17.

Em seus estudos na *Faculté des Letres de Rennes*, Paul Ricoeur passa a ter contato com a filosofia sob a orientação de seu professor Roland Dalbiez³:

A aula de filosofia e o encontro com Roland Dalbiez, que aí ensinava, foram o grande acontecimento da minha escolaridade, uma espécie de fascinação, uma imensa abertura. [...] Roland Dalbiez era uma personagem extraordinária: antigo oficial da marinha, descobriu tardiamente a filosofia através de Jacques Maritain. Era um escolástico cuja totalidade do ensino era comandada por uma psicologia racional e, em filosofia, pelo realismo. A sua sombra negra era aquilo a que chamava o "idealismo", do qual traçava, aliás, um quadro caricatural e até mesmo patológico. [...] O segundo aspecto do seu ensino, e que foi para mim um verdadeiro benefício, era uma preocupação pela argumentação.⁴

Para Ricoeur, Roland Dalbiez foi muito importante em sua formação sendo ele, o primeiro filósofo francês a escrever sobre Freud. Dele Paul Ricoeur guardou um conselho que levou por toda a vida: "quando um problema nos preocupa, nos causa angústia, nos assusta, dizia-nos ele, não tentem contorná-lo, enfrentem-no"⁵.

No ano de 1933, Paul Ricoeur consegue sua *Licence* (licenciatura), e depois disso ele começou a ensinar filosofia no liceu de *Saint-Brieuc*. Ao mesmo tempo em que lecionava dezoito horas de ensino por semana, Ricoeur realizava seus estudos de *Maîtrise* (mestrado) fazendo seus estudos superiores com Léon Brunschvicg, em Paris.

Por volta de 1934-35, foi muito importante para Ricoeur o fato de ter encontrado com os filósofos Gabriel Marcel, do qual se tornou

³ Roland Dalbiez: (1893-1976) filósofo francês aristotélico e psicoterapeuta.

⁴ RICOEUR, 1997, p. 18-19.

⁵ RICOEUR, 1997, p. 49.

grande amigo, e Edmund Husserl⁶. Nesta época Paul Ricoeur, estava realizando seus estudos na *Sorbonne* e sofreu uma influência muito grande de Gabriel Marcel⁷ seu professor. Gabriel Marcel promovia em sua casa grupos de estudos sobre diversas questões filosóficas onde Ricoeur buscava sempre participar desses estudos:

... ia toda sextas-feiras ter com ele; o seu ensino socrático ajudou-me muito. Ele só impunha uma regra: nunca citar autores, partir sempre de exemplos e refletir por si mesmo. E foi ao ler dois artigos dele, nesse mesmo ano, que descobri Karl Jaspers. E foi também nessa época que comecei a ler as *Ideias diretrizes para uma fenomenologia pura*, de Husserl, numa tradução inglesa.⁸

Foi nesse tempo de muitos estudos que Ricoeur casou-se com Simone Lejas uma amiga de infância do meio protestante de Rennes e de 1935 até 1939, foi professor de filosofia em escolas secundárias de Saint-Brieuc, Colmar e Lorient. Nesses anos que precederam a guerra, aprendeu alemão, o que lhe possibilitou a continuar estudando Husserl e a começar a ler *Ser e Tempo*, a obra magistral de Heidegger⁹.

Em 1939, Paul Ricoeur foi chamado para fazer parte das fileiras do exército francês, participando da guerra onde foi capturado se tornando prisioneiro de guerra do exército alemão, em um campo de concentração.

Durante todo tempo em que se encontrava recluso nos diversos campos da Pomerânia, Ricoeur compreendeu que esses anos de cativeiro foram riquíssimos tanto do ponto de vista humano como do ponto de vista intelectual. Sobre esse momento ele diz:

⁶ Idem, p. 53.

⁷ Gabriel Marcel: (1889-1973) filósofo e autor teatral. Seu pensamento filosófico girava em torno do problema do mal e da morte. Tornou-se um dos maiores representantes do existencialismo cristão.

⁸ RICOEUR, 1997, p. 22.

⁹ Cf. HEIDEGGER, 2002.

O período de cativeiro, [...] foi um tempo de experiências humanas extraordinárias: a vida cotidiana, partilhada interminavelmente com milhares de outros, o cultivo de amizades intensas, o ritmo regular de instrução improvisada, de ininterruptas sessões de leituras dos livros disponíveis no campo.¹⁰

No cativeiro Paul Ricoeur juntamente com Mikel Dufrenne dedicou-se ao estudo de Edmund Husserl, Heidegger e Jaspers. Posteriormente os dois escreveram, em 1947, a obra *Karl Jaspers et la philosophie de l'existence*. Paul Ricoeur admite que durante o período em que ficou preso sofreu uma enorme influência da filosofia da existência de Karl Jaspers em principalmente dois pontos do seu pensamento filosófico: a filosofia do sujeito através da existência e a crítica a qualquer sistema.

Da filosofia da existencial e de Karl Jaspers, Paul Ricoeur recebe o espírito de questionamento a qualquer forma de redução do saber ao saber científico. Também pode ser visto nas suas obras outros temas que são oriundos da filosofia da existência como: a liberdade, o outro e a historicidade.

Como apontado anteriormente, Gabriel Marcel influencia Ricoeur na primeira fase de sua filosofia. Do seu antigo professor ele aprendeu a abrir mão dos reducionismos que procuram explicar de forma integral o ser humano e a cultura.

Outra influência recebida de Marcel ocorre no pensamento ricoeuriano sobre o corpo, a concepção de que o ser humano existe de forma encarnada. A partir desse ponto Marcel começa sua reflexão com um movimento de retorno ao corpo e a condição corporal. Posteriormente toda a discussão que Paul Ricoeur irá realizar sobre o

¹⁰ RICOEUR, 1997, p. 58.

corpo na sua obra *Le volontaire et l'involontaire*¹¹ tem como pressuposto a estrutura do pensamento de Marcel.

Depois dessa influência sofrida por Gabriel Marcel no seu pensamento filosófico, Ricoeur começa a buscar na fenomenologia um método de filosofar que para ele seria o método adequado para enfrentar todas as questões filosóficas¹².

3. A busca pela fenomenologia

Com o final da guerra, Paul Ricoeur passou a ensinar filosofia no colégio Cévenol, um centro internacional de cultura cristã. Com seu retorno em Paris, trabalha, de 1945-1948, como pesquisador do *Centre National de la Recherche Scientifique*.

No ano de 1948, Ricoeur é indicado para assumir a cadeira de História da Filosofia na Universidade de Estrasburgo. Neste período em que lecionou em Estrasburgo (1948-1957), procurou ler em cada ano um autor filosófico da forma mais vasta possível. Como ele mesmo diz, "as minhas bases em filosofia grega, moderna e contemporânea datam desta altura"¹³.

Ao defender sua tese de doutorado em 1949, Paul Ricoeur apresentou o primeiro volume da *Filosofia da Vontade*¹⁴ e "a tradução, apresentação e notas das *Idées directrices pour une phénoménologie*, de Husserl"¹⁵. A fenomenologia de Husserl e todo o seu método serão para Ricoeur a busca de uma metodologia rigorosa e a abertura para que ele passe a ter contato com a tradição fenomenológica.

¹¹ Cf. RICOEUR, 1950.

¹² PELLAUER, 2007, p. 24.

¹³ RICOEUR, 1997, p. 67.

¹⁴ Cf. RICOEUR, 1988, p. 8-9.

¹⁵ Cf. OLIVEIRA, 2007, p. 25.

Paul Ricoeur tendo como fundamento a análise de Husserl sobre a intencionalidade teórica da consciência busca enfatizar a razão como objeto de pesquisa, com o objetivo de acrescentar na problemática fenomenológica, o campo da vontade. Isto pelo fato da vontade ter uma relação de reciprocidade com o involuntário, sendo que a compreensão, dentro da perspectiva fenomenológica, é a compreensão do sentido.

A partir desse ponto começa um novo momento na filosofia ricoeuriana, é o momento em que Ricoeur buscará se inscrever dentro da perspectiva da fenomenologia husserliana. Ele descobre na fenomenologia, os significados ou os princípios básicos que dirigem o processo de inteligibilidade da nossa experiência vivida, esses significados nos auxiliam na busca da compreensão da ação humana em termos da reciprocidade do voluntário e do involuntário dentro dessa experiência¹⁶. O voluntário e o involuntário devem ser compreendidos como recíprocos, pois de outro modo nem um fenômeno e nem o outro pode ser inteligível.

Ao herdar de Husserl a descrição eidética, Paul Ricoeur procura no primeiro volume da *Filosofia da Vontade*, descrever e analisar a ação voluntária em si mesma, tendo a clareza racional, onde as estruturas do voluntário e do involuntário possam aparecer de forma pura nos três momentos da volição: decisão, ação e consentimento. Neste momento da primeira fase eidética, ele procura fazer uma descrição do ser humano, buscando abstrair-se da sua realidade empírica e fáctica. Este método enfatiza somente às possibilidades estruturais da vontade.

Sobre o método eidético, Ricoeur entendia que:

¹⁶ PELLAUER, 2007, p.26.

Apesar de estender a área de aplicação do método eidético, como acabei de mencionar, o último parecia-me deixar fora das suas competências o concreto, o histórico ou, como na altura lhe chamei, o reino empírico da vontade. O caso paradigmático deste reino pareceu-me ser a má vontade. Com efeito, nada nas análises de projeto, motivação, movimento voluntário e, especialmente, do involuntário absoluto permitia que distinguíssemos entre um reino da transgressão, quer seja do voluntário ou do involuntário. Neste aspecto, a eidética e a dialética demonstram ser neutras e, neste sentido, abstratos; em contraste, poder-se-á dizer que a má vontade é empírica, na medida em que este reino governava o das paixões, que eu distingui das esferas neutras do desejo e da emoção¹⁷.

Ricoeur começa a compreender que a fenomenologia do voluntário e do involuntário era capaz somente de dar conta das fraquezas de um ser exposto ao mal e capaz de fazer o mal, mas não de ser realmente mau¹⁸. Ele procurou levar até o fim aquilo que está escrito no prefácio do primeiro volume da *Philosophie de la volonté*, a de deixar entre parênteses o estatuto histórico da má vontade com o objetivo de construir uma linha entre finitude e culpa. Para realizar todo esse processo Paul Ricoeur teve que procurar extrair o máximo da ontologia da vontade finita que esta implícita na dialética do agir e do sofrer.

A primeira decisão que Paul Ricoeur tinha que tomar para transpor o abismo que separava a análise fenomenológica da vontade, que era neutra em relação ao mal, para com a vontade historicamente má era tomar uma decisão ontológica. Como ele mesmo diz "a falibilidade, em certo sentido, deslizava entre dois

¹⁷ RICOEUR, 1997, p. 64.

¹⁸ Idem, p. 68.

termos, finitude e culpa, de maneira a que aquela tendesse para esta, sem desse modo abolir a contingência do salto para o mal”¹⁹.

Outra decisão que Ricoeur teve que realizar foi de caráter metodológico, relacionando-se com o estatuto epistemológico da mediação sobre a má vontade. Aqui pode ser visto a semente daquilo que Paul Ricoeur mais tarde iria designar como a inserção da hermenêutica na fenomenologia. Para conseguir ter acesso à forma concreta da má vontade, ele teve que introduzir no campo da reflexão o longo desvio pelos símbolos e mitos transmitidos pelas grandes culturas. Quando procurou falar no desvio pelos símbolos, Ricoeur questionou um pressuposto que era comum a Husserl e a Descartes, o pressuposto da iminência, da transparência e da apodicticidade do *Cogito*²⁰.

Ao construir uma reflexão sobre a experiência do mal, Paul Ricoeur percebe que a fenomenologia não dava conta de explicar tal experiência, pois para isso deveria buscar ter um acesso à passagem pelos símbolos que a expressam.

Com a publicação e a conclusão sobre a pesquisa da *Filosofia da Vontade*, em 1960, surge *Finitude e Culpabilidade*²¹, esta obra é dividida em duas partes, sendo que a primeira denomina-se *L’homme faillible*, e a segunda, *La symbolique du mal*. Com ela percebe-se o início da virada hermenêutica de Ricoeur. Essa temática da culpabilidade o levou a buscar outra abordagem metodológica diferente da fenomenologia. Paul Ricoeur percebe que, ao introduzir o erro, necessitaria dispor de um novo método e, desse modo, ele pôde compreender que nem fenomenológica e nem empiricamente era possível dar conta de forma direta da passagem da inocência das estruturas, que são essenciais e caracterizam a reciprocidade do

¹⁹ Cf. RICOEUR, 1997, p. 70.

²⁰ Idem, p.70.

²¹ RICOEUR, 1960.

voluntário e do involuntário, para a existência efetiva do mal²². Se a existência do mal for irracional, os métodos racionais que são usados seriam inapropriados para abordá-la.

4. A interpretação ricoeuriana da fenomenologia

Nesta parte o foco principal será tratar da compreensão fenomenológica de Husserl, procurando destacar a leitura que Ricoeur faz do mesmo e, posteriormente, mostrar o desenvolvimento do pensamento ricoeuriano dentro da fenomenologia.

Husserl pode ser visto como aquele filósofo que, embora seu pensamento não constitua toda a fenomenologia, constitui de certa maneira o seu nó. Ele pode ser compreendido como o principal filósofo que influenciou o pensamento de Paul Ricoeur a respeito da fenomenologia.

A fenomenologia a princípio apresenta uma memória que a coloca no passado da filosofia ocidental²³. Ela está ligada ao sentido leibniziano e kantiano do fenômeno. Por mais que Hegel busque a compreensão da fenomenologia como uma inspeção ampla de todas as variedades da experiência humana, não é a essa percepção que Husserl se liga.

Edmund Husserl procura se ligar com o pensamento de Kant, “não só na interpretação idealista de seu método, mas até nas descrições do *Gemut* que permanecia mascarado pelas preocupações epistemológicas da *Crítica*”²⁴. A fenomenologia também se liga ao pensamento de Descartes, à dúvida e ao *cogito* cartesianos. A redução que a fenomenologia realiza das falsas evidências, do evidente em si, ao fenômeno verdadeiro, ao aparecer autêntico,

²² PELLAUER, 2007, p.43.

²³ RICOEUR, 2009, p. 7.

²⁴ *Ibidem*.

segue bem a linha da dúvida cartesiana²⁵. O *cogito* é transformado em uma primeira verdade, onde irá ser seguida por outras verdades em uma cadeia de razões, é o único campo da verdade fenomenológica, onde todas as pretensões de sentido de certa forma são confrontadas com as presenças que caracterizam o fenômeno no mundo.

Desta forma a fenomenologia procurava continuar com o transcendental kantiano junto com o processo da dúvida e o *cogito* cartesianos, sendo que ela não representa uma forma de repentina transformação da filosofia.

Percebe-se que a fenomenologia, é um grande projeto que não pode ser finalizado em uma única obra ou em um grupo de obras precisas. Ela é entendida não como uma doutrina, mas sim como um método que tem encarnações múltiplas, do qual Husserl procurou explorar apenas um pequeno número de possibilidades²⁶. No pensamento de Husserl, a uma grande mistura do método com uma interpretação idealista que ocupa uma parte considerável da obra publicada e que procura colocar a fenomenologia no mesmo patamar dos neokantismos do início do século.

O pensamento fenomenológico de Husserl não pode ser visto como um corpo de obra homogêneo e direcionado em um único sentido. Ele no decorrer de sua vida intelectual, abandonou tantos caminhos quantos desbravou. Mesmo a fenomenologia sendo num sentido lato a soma das obras husserliana, ela "é também a soma das variações do próprio Husserl e, de modo particular, a soma das descrições propriamente fenomenológicas e das interpretações filosóficas pelas quais reflete e sistematiza o método"²⁷.

²⁵ Idem, p. 8.

²⁶ RICOEUR, 2009, p. 8.

²⁷ Ibidem.

É preciso destacar que a fenomenologia no primeiro momento busca compreender o que significa significar? Independente da importância posteriormente assumida pela percepção da descrição, a fenomenologia procurará partir de sua relação com as coisas pelo signo, elaborados por uma cultura oral e não partirá daquilo que existe de mais mudo na operação da consciência²⁸. A consciência tem como ato primeiro sempre o querer dizer e o designar, ela procura distinguir a relação que existe entre os outros signos, separá-la do eu, da imagem, mostrar as diversas formas nas quais a significação vazia é preenchida por uma presença intuitiva. A intencionalidade será compreendida como este ato vazio de significar outra coisa, ela será vista como a propriedade notável da consciência de ser consciência de e o ato da significação é entendido como aquilo que contém o essencial da intencionalidade²⁹.

Husserl irá direcionar sua pesquisa naquilo que será chamado de fenomenologia da percepção, ele deixa de lado um caminho percebido no início de sua obra que pode ser denominado como dialética original do sentido e da presença.

A preocupação de Husserl girará em torno da intencionalidade e de como ela visa o sentido, que determina a presença, sendo que a presença também procura preencher o sentido. É por causa de uma intuição “concernente à essência dos atos e dos seus conteúdos que nos foi possível distinguir expressão, signo, significação (significação vazia e significação plena), intuição sensível e intuição categorial”³⁰. A fenomenologia acontece no plano de uma intuição do *eidos*, ela não busca se deter no vivido individual incomunicável, mas alcança no vivido a sua articulação interna inteligível, sua estrutura universal.

²⁸ Idem, p. 9.

²⁹ Ibidem.

³⁰ RICOEUR, 2009, p. 11.

Husserl desenvolve dois caminhos a partir das *Investigações lógicas*, no primeiro caminho os temas descritivos não param de se enriquecer e de extrapolar o quadro lógico inicial, no segundo caminho, ele não para de refinar a filosofia do método juntando assim a uma fenomenologia efetivamente praticada uma filosofia fenomenológica³¹.

Em 1929, a fenomenologia dá um salto significativamente de ordem descritiva e de ordem sistemática. Para Husserl a intencionalidade vai alcançando em primeiro lugar toda a sua envergadura, na medida que se percebe que toda consciência é consciência de ("consciência significa aqui não a unidade individual de um fluxo vivido, mas cada *cogitatio* distinta voltada para um *cogitatum* distinto"). De um ponto de vista estritamente descritivo, a intencionalidade foge à alternativa do realismo e do idealismo. A intencionalidade significará apenas que a consciência se acha de forma primeira fora de si sendo que ela se encontra de diversas maneiras, onde a objetividade lógica não passa de uma modalidade de segundo grau sendo que a percepção será compreendida como a modalidade mais fundamental.

É devido à percepção dos atos intencionais que Husserl busca fugir a seu próprio logicismo e se distancia das filosofias criticistas do juízo. Encontra-se nela todo o modelo de toda presença sendo que ao mesmo tempo a percepção encontra a estrutura do horizonte da consciência. Essa estrutura de horizonte gera uma reflexão sobre a temporalidade adquirida na percepção dos objetos mais estáveis.

Ele procura afirmar a transcendência do percebido à consciência, por meio de uma crítica da crítica das "qualidades segundas", negando a existência em si das percebidas. É dentro

³¹ Ibidem. Esta filosofia fenomenológica encontra sua expressão extrema nas Meditações cartesianas.

desta posição da realidade que se encontra aquilo que constitui o aporte filosófico necessário da fenomenologia. Como ele mesmo diz:

A distinção do *noema* e da *noese* em toda consciência permitia efetuar análises de consciência que seriam alternadamente análises noemáticas, isto é, voltadas para a face objetiva do vivido (o percebido como tal, o imaginado como tal, etc.) e análises noéticas, voltadas para as modalidades atencionais, para o poder do Eu, do *cogito*, para a temporalidade do fluxo subjetivo das silhuetas de coisas, etc. Não haveria como dar uma ideia, mesmo aproximada, da paciência e do rigor dessas análises.³²

Segundo Husserl a fenomenologia nasceu devido a uma crise de ceticismo, que foi posterior à descoberta da intencionalidade e relativa à própria possibilidade da intencionalidade, isto é, de sua referência a uma transcendência. Essa crise é solucionada pela diferenciação, não da consciência reflexiva e da coisa espacial, mas pela separação, no próprio objeto, entre seu em si suposto e seu aparecer puro.

É a partir do pressuposto da fenomenologia husserliana que Paul Ricoeur irá construir sua compreensão da fenomenologia. Ele encontra em Husserl seu ponto de partida sendo que no decorrer do seu processo de construção de uma fenomenologia da vontade ele de certa forma acaba se distanciando do mesmo.

5. Paul Ricoeur e a fenomenologia da vontade

Paul Ricoeur no desenvolvimento do seu pensamento no campo da fenomenologia, diferentemente de Husserl entendia, que a ação humana deveria ser abordada pela descrição e não pela percepção. Ele inicia a sua apresentação da fenomenologia husserliana tendo

³² RICOEUR, 2009, p. 13.

uma questão relacionada a formula pela qual todas as filosofias reflexivas são conhecidas: como o eu penso se conhece ou se reconhece a si mesmo? É a partir desse ponto que a fenomenologia representa uma realização e uma transformação da filosofia reflexiva.

Para Ricoeur, "com a ideia de reflexão, restringe-se o desejo de uma transparência absoluta, de uma perfeita coincidência de si consigo mesmo, que faria da consciência de si um saber indubitável e mais fundamental que todos os saberes positivos"³³. Portanto, é esse o desejo que tanto a fenomenologia quanto a hermenêutica progressivamente transferem para um horizonte cada vez mais longínquo.

Para ele, a fenomenologia busca trazer significados para compreender a ação humana, dentro do campo da reciprocidade entre o voluntário e o involuntário. Além da reciprocidade, Paul Ricoeur afirma que a filosofia deve colocar o peso do voluntário sobre o involuntário, mais uma vez por uma razão que remonta pelo menos a Descartes, e a Agostinho³⁴. Dentro da estrutura cartesiana de pensar o *cogito*, uma das coisas que mais se destaca é o sujeito como aquele que tem consciência de si, ele sabe que pensa e que conhece. Ricoeur encontra-se também dentro desta tradição reflexiva que busca enfatizar a autoconsciência e, com ela, nosso autoconhecimento do mundo, mesmo reconhecendo que o autoconhecimento depende sempre do conhecimento que possuímos do mundo. No entanto, Ricoeur procura modificar essa tradição reflexiva, ao afirmar que nunca obtemos conhecimento direto ou imediato de nós mesmos. Conhecemos a nós mesmos apenas indiretamente, em termos do mundo objetivo e de nossas ações nele.

Ao começar a construir uma descrição dos fenômenos Ricoeur tem como objetivo muito mais compreender do que explicar. Ele

³³ XAVIER, 2011, p.22.

³⁴ PELLAUER, 2007, p. 26.

busca o significado dos fenômenos que estão relacionados ao voluntário e ao involuntário e suas implicações para o autoentendimento e a ação humana responsável. Seguindo o modelo cartesiano, um significado é sempre significado para uma determinada pessoa. É por causa desta questão que as descrições fenomenológicas de Paul Ricoeur darão maior ênfase no aspecto do voluntário do par voluntário-involuntário³⁵. A própria ideia de involuntário vai revelar-se dependente de ser considerada em relação à ação voluntária.

Para Ricoeur todas as formas de se tentar articular plenamente a relação entre o voluntário e o involuntário são bloqueadas numa confusão insuperável, que pode ser chamada de mistério como diria Gabriel Marcel ou paradoxo segundo Karl Jasper³⁶. Na verdade, não existe nenhum sistema de natureza e liberdade. Isso é fundamental devido ao fato de que as naturezas do *cogito* tem a tendência de pensa-lo como postulado a si mesmo, o que significa para Ricoeur, ignorar o corpo vivido ao tratá-lo "como um objeto entre outros e não como algo dado tão logo começamos a pensar"³⁷.

Na sua busca para entender a ação humana Paul Ricoeur procura distinguir entre o ato de decidir e o movimento voluntário sendo que a separação que existe entre os dois não é originária de um intervalo temporal, mas sim conceitual. Decidir segundo Ricoeur é uma capacidade, noção que vai desempenhar um papel muito mais amplo na obra posterior de Ricoeur, na medida em que ele vai ultrapassando a questão da liberdade para considerar o eu como o ser humano capaz, em sentido bem mais abrangente, mesmo estando ele ainda ligado de forma estrita a questão da ação. Pois para ele o que torna uma ação voluntária e caracteriza qualquer

³⁵ PELLAUER, 2007, p. 27.

³⁶ Ibidem.

³⁷ Ibidem.

decisão é que ela inclui uma intenção que poderia após o fato ser dita um projeto em potencial de uma ação proposta.

A intenção segundo Ricoeur será a grande descoberta da fenomenologia³⁸. Dentro de um sentido lato e trivial, a intencionalidade é compreendida como o primado da consciência de alguma coisa sobre a consciência de si. Já dentro de um sentido estrito, a intencionalidade é entendida como "o ato que procura visar alguma coisa que não se atinge, ele próprio, senão através de sua unidade identificável e reidentificável do sentido visado, a que Husserl chama o noema ou correlato intencional da mira noética"³⁹.

Ao compreender que em toda decisão existe um aspecto reflexivo Ricoeur afirma que a partir disso eu me resolvo a fazer algo. Segundo ele não é algo simplesmente que observo, mas sim algo que faço, devido a isso está no limite do modelo sujeito-objeto, embora traga consigo uma vaga consciência do polo do sujeito, motivo pelo qual se pode refletir a respeito⁴⁰. Para ele uma das formas com que fazemos isso é através da linguagem.

A fenomenologia da decisão leva a questão da motivação, não existem decisões sem motivos. Paul Ricoeur entende que um motivo só é entendido e só tem um sentido em relação a uma decisão. Não se fala de um motivo sem uma decisão, e qualquer decisão torna possíveis questões sobre os motivos possíveis. Um motivo determina a vontade somente enquanto a vontade determina a si mesma. Os motivos operam mais no nível do sentido do que das causas naturais, eles constroem os pilares para as decisões, uma forma de justificá-las, de legitimá-las.

Ao voltar-se para a questão do voluntário e de modo a aprofundar a descrição da decisão, Ricoeur ocupa-se com aquilo que

³⁸ XAVIER, 2011, p.22.

³⁹ Idem, p. 23.

⁴⁰ PELLAUER, 2007, p.30.

ele irá chamar de história da tomada de decisão⁴¹. Existe algo de dramático nessa história, só acontece o avanço da existência pelo duplo movimento da espontaneidade corporal e do controle voluntário. Esse processo apresenta dois aspectos: é tanto algo que sofremos como algo que realizamos.

As decisões podem ser vistas como uma fonte de novidade, o evento da opção proporciona duas formas de leituras, uma leitura que está amarrada a análise precedente do qual é o fim ou, de maneira mais exata a resolução, já a outra forma de leitura genuinamente inaugura o projeto como uma simples intenção de ação futura.

Segundo Ricoeur, as decisões não irão constituir a totalidade da ação voluntária, serão apenas um aspecto dela. Têm que ser colocadas à prova da execução, se o poder de decisão é propriamente uma capacidade de pôr as coisas em movimento. Essa abordagem fenomenológica de Paul Ricoeur tenta isolar o fenômeno para tentar capturar uma espécie de essência.

Em síntese, Paul Ricoeur demonstra que não existe possibilidade de querer compreender o voluntário sem o involuntário, aqui pode ser visto uma relação de reciprocidade dentro do processo de entendimento do voluntário com o involuntário.

Todo o processo de reflexão sobre o voluntário e o involuntário leva Ricoeur na direção de uma grande reflexão sobre o ser. Dentro disso, ele procura elaborar uma ontologia que busca opor-se tanto ao monismo quanto ao dualismo, que ficou denominada como ontologia da desproporção.

Paul Ricoeur ao construir sua reflexão dentro do campo da fenomenologia da vontade percebe que a mesma não conseguia dar conta de analisar profundamente o problema do erro. É a partir desse

⁴¹ Idem, p.34.

ponto que ele introduz na sua reflexão um novo método de análise a hermenêutica, para poder estudar de forma profunda o acesso à experiência fundamental do mal, sendo que esse novo caminho exige fazer uma passagem pelos símbolos que a expressam. Sua hermenêutica filosófica será apresentada de forma breve na próxima e última parte desse artigo.

6. A hermenêutica filosófica de Paul Ricoeur

A questão da falibilidade levou Paul Ricoeur a construir uma nova reflexão, que posteriormente o fez necessitar de um novo método no seu fazer filosófico. Esse novo método não era mais de caráter fenomenológico, transcendental, onde a análise da falibilidade o determina, mas sim de caráter hermenêutico, que depende da interpretação que Paul Ricoeur chama de fenomenologia hermenêutica.

Na obra *L'homme faillible*, Ricoeur procura mostrar a desproporção que está na base do ser humano, isso acaba gerando no mesmo a possibilidade do mal, mesmo se tendo dúvidas sobre a sua origem. O enigma da culpa abita dentro do abismo que é formado entre a possibilidade do mal e sua realidade efetiva. Por causa disso, necessita-se de outra metodologia para poder realizar uma análise do problema da culpabilidade.

Este novo método buscado por Ricoeur o levará à possibilidade de analisar o problema do mal a partir da interpretação e das análises dos símbolos e dos mitos como pode ser visto na sua obra *La symbolique du mal*, em que é abordado do ponto de vista fático, os

limites da liberdade humana em função do estudo dos símbolos e dos mitos⁴².

Inicialmente o caminho percorrido por sua hermenêutica filosófica tem como ponto de partida a reflexão em torno da liberdade humana e da possibilidade da existência do mal. A questão fundamental que levou Ricoeur a fazer a passagem da fenomenologia para a hermenêutica filosófica foi sua percepção sobre o problema da culpabilidade junto com a questão polissemia da linguagem simbólica.

É deste ponto que Paul Ricoeur buscará superar a fenomenologia, utilizando a hermenêutica para descrever os discursos de duplo sentido e a linguagem cifrada que é utilizada pelo ser humano para falar a respeito de suas experiências e buscar sentido para a realidade.

A busca por uma fenomenologia hermenêutica apresenta uma rejeição do pressuposto fundamental da chamada fenomenologia pura, a transparência da consciência a si mesma. Ele rompe com a ideia de uma consciência tida como central da reflexão defendendo a não existência de uma autoconsciência imediata pelo fato, de compreender que toda a reflexão é sempre mediada. Por causa dessa compreensão Ricoeur mostra que a reflexão precisa se transformar em hermenêutica, deve-se buscar a compreensão do mundo plural dos signos que demonstram o esforço do ser humano para existir e o desejo de ser no mundo.

Paul Ricoeur procura a descrição concreta ou empírica do mal, que se encontra dentro daquilo que ele chama de símbolos primários (mancha, pecado e culpabilidade), para depois tratar do mito, como um símbolo de segundo grau (mitos do princípio e do fim). Desta forma, Ricoeur articula a mudança do estado de inocência, sendo compreendido como a possibilidade não necessária do mal, e o

⁴² OLIVEIRA, 2007, p. 31.

estado de culpa, que será visto como o mal efetivado na realidade humana. A passagem do estado de inocência para o estado da falta não será analisada por uma descrição empírica, mas, por uma concreta⁴³.

Ao analisar os relatos míticos da queda, do caos, do exílio, que podem ser diretamente acessíveis a uma história comparada das religiões, Paul Ricoeur propõe uma hermenêutica que busque analisar estes símbolos por meio de uma exegese dos mesmos⁴⁴. Para ele a análise da linguagem simbólica é embasada na vida, apresentando sentido e não podendo ser vista como algo meramente vazio⁴⁵. A análise da questão do mal será feita por uma hermenêutica dos símbolos, o mal não será visto como substância (essência) e não será reduzido à perspectiva moral (ideia de retribuição), o problema do ser humano com o mal é de ordem prática.

Para Ricoeur os símbolos quando já são experimentados, se tornam signos, na perspectiva que significam algo além de si mesmo. Eles são distintos como signos pelo fato de não significarem apenas uma coisa, mas apresentarem uma forma de dupla intencionalidade: significam sempre mais de uma coisa simultaneamente, mesmo existindo um significado primário ou literal em cada símbolo. Devido à dupla intencionalidade, os símbolos serão vistos segundo Paul Ricoeur como algo nublado, irredutíveis a termos unívocos.

É importante compreender que Ricoeur entende símbolo, como uma determinada expressão de duplo sentido que é utilizado dentro das culturas tradicionais para se referir aos elementos que fazem parte do cosmos como fogo, água, vento, terra, das suas dimensões com respeito à altura e à profundidade e dos seus aspectos como luz

⁴³ RICOEUR, 1960, p. 10.

⁴⁴ Ibidem.

⁴⁵ PELLAUER, 2007, p. 68.

e trevas⁴⁶. Estas expressões dispõem-se, entre os símbolos que são vistos como mais universais, os que são próprios de uma cultura específica e aqueles que são constituídos por um pensador particular, como uma obra individual. Segundo Paul Ricoeur, não pode existir uma criação de um determinado símbolo que não se enraíze dentro do imaginário simbólico que é comum a todas as pessoas, a humanidade⁴⁷.

Ao desenvolver uma hermenêutica que no seu primeiro momento tem como objetivo interpretar os símbolos, Ricoeur busca de forma nova construir uma simbólica do mal com o intuito de ultrapassar o abismo da possibilidade para a realidade. É a partir da simbólica do mal, que ele busca preencher a distância entre a simples possibilidade do mal e a realidade da falta. Refletindo sobre esta questão, Ricoeur argumenta que o pensar filosófico precisa reconhecer a necessidade de ser conduzido por outra forma de discurso que não seja aquele do mero pensamento, mas o discurso do símbolo que faz pensar. Esta simbólica do mal deve ser inserida no discurso filosófico, pois é através dele que se terá uma elucidação da condição de falibilidade do ser humano⁴⁸.

No final da *Simbólica do mal*, Paul Ricoeur busca demonstrar o status filosófico do método hermenêutico, procurando entender de que forma o mundo simbólico pode receber um sentido filosófico. Diante desta questão ele parte do pensamento de que "o símbolo dá a pensar"⁴⁹ e é devido ao fato do símbolo ser doador de sentido que aparece a tentativa filosófica de tentar descrevê-lo. O trabalho a ser feito aqui supõe, portanto, a confiança na linguagem, os símbolos e

⁴⁶ RICOEUR, 1991, p. 41.

⁴⁷ Ibidem.

⁴⁸ RICOEUR, 1960, p. 12.

⁴⁹ RICOEUR, 1969, p. 243.

as palavras serão o lugar onde será realizada a interpretação e na racionalidade ter-se-á a busca de sentido e da verdade⁵⁰.

Pelo fato de não ser o sujeito que põe no símbolo o sentido, mas é o símbolo que dá o sentido, ele se dá a pensar, pela razão do símbolo ser a estrutura de significação pela qual um sentido literal designa um sentido indireto, figurado, que só é acessível por meio do primeiro⁵¹. O símbolo será entendido como doador de sentido pelo fato de fazer com que o ser humano participe de seu sentido velado e o assimilar ao simbolizado, sem que se possa apreender de forma completa a similitude⁵². A questão entre o sentido primeiro e o sentido segundo acaba configurando o campo hermenêutico, o trabalho da interpretação se colocará na decifração do sentido oculto no sentido presente.

O interpretar para a hermenêutica significará a junção entre a doação de sentido gerada pelo símbolo e a decifração deste sentido oferecido. Já para a fenomenologia hermenêutica, o símbolo dá a pensar devido ao fato de que põe em marcha o pensamento, sem colocar um sentido supostamente já presente no próprio símbolo. "Dar a pensar significa, ainda, que o símbolo surge como mediação e interlocutor ao se expressar em um dizer que jamais se reduz ao dito"⁵³.

Paul Ricoeur percebe que se a filosofia quiser levar a sério a questão do erro, ela precisará aceitar aquilo que ele chama de plenitude da linguagem, pelo fato da linguagem dos símbolos ser encontrada em toda linguagem comum⁵⁴. Ao realizar o retorno dos símbolos per se para uma análise mais ampla da linguagem, Ricoeur percebe que sua antropologia filosófica sofrerá algumas implicações.

⁵⁰ RICOEUR, 1975, p. 273-321.

⁵¹ SALLES, 2012, p. 264.

⁵² RICOEUR, 1969, p. 244.

⁵³ SALLES, 2012, p. 265.

⁵⁴ PELLAUER, 2007, p. 55.

A questão simbólica da mancha, do pecado e da culpa tem o mesmo movimento desde o âmbito cósmico externo para os âmbitos onírico e imaginativo mais internos dos símbolos que estão associados ao erro. Pode-se afirmar que a degradação é muito mais algo que acontece com o ser humano do que algo que é produzido pelos mesmos, razão pela qual existe a reflexão sobre por que ocorre. A degradação é um estágio onde nenhuma demarcação clara foi desenvolvida entre o mal e o infortúnio, mas ela gera um sentimento de terror, sendo que os símbolos da degradação são associados de forma mais frequente a ritos de purificação, ao simbolismo da limpeza, da purgação, sendo associado também a um vocabulário que está conectado com a pureza e impureza⁵⁵.

A partir do pecado a uma locomoção das ideias do puro e do impuro para as de justiça e piedade, pois o símbolo do pecado demonstra a ideia de rompimento de uma regra perante Deus, é muito mais um erro religioso do que um erro ético sendo que, a simbólica do pecado adquire formas mais complexas do que o âmbito da degradação.

A simbólica do mal mostra que o ser humano é tanto responsável pelo mal quanto dele cativo, levando os conceitos de servidão da vontade ou da vontade servil. Segundo Paul Ricoeur a humanidade do homem é em todo caso, o lugar da manifestação do mal⁵⁶.

Para Paul Ricoeur o símbolo da falta ou do erro é mediado pela linguagem, especificamente pela linguagem mítica que aborda o início e o fim do mal. Entender o mito descrito na linguagem mítica é compreender que o mito dentro do seu tempo e espaço, personagens e drama, acrescenta a linguagem dos símbolos primários. Os mitos realizam três coisas: rodeiam a humanidade numa história

⁵⁵ Idem, p. 56.

⁵⁶ RICOEUR, 1960, p. 14.

verdadeira, contam um movimento desde seu início ao seu fim com o intuito de trazer uma direção para a experiência e procuram desvendar o enigma da existência humana.

Pode-se perceber no mito um caráter ontológico, pois ele denota para a junção de uma realidade essencial de uma determinada pessoa e nossa existência histórica, apresentando uma mensagem verdadeira universal de princípio temporal e concreto não podendo sua forma narrativa ser reduzida a um mero conceito. Nessa perspectiva os relatos míticos são vistos como reveladores sem serem vistos como relatos científicos explicativos da realidade. Os mitos são compreendidos como reveladores pelo fato de apresentarem um sentido a existência humana, em muitos casos podem apresentar um efeito transformador sobre aquelas pessoas que busca nortear suas vidas nestes relatos.

Usando a tipologia dos relatos míticos que apresentam o início e o fim da questão do mal Ricoeur, constrói uma discussão não com o simples objetivo de classificá-los, apesar de realizar isso, mas com o intuito de conhecer sua dinâmica interna "e como, afinal, todos se relacionam uns aos outros por falarem todos da mesma coisa, a falta, o erro"⁵⁷. Ele considera o mito antropológico por excelência o relato que aborda a falta em termos de queda que acontece na criação já existente, o relato bíblico de Adão e Eva, que para Ricoeur é muito mais um relato do desvio do que especificamente da queda.

Segundo Paul Ricoeur, o significado principal é que todo indivíduo se depara com o mal que está no mundo, compreendendo que de alguma forma ele é responsável por esse mal. É através desse mito compreendido de forma retrospectiva, que os filósofos podem entender que todos os relatos míticos tem algo a ensinar, "se desejam pleitear a crença nele e colocá-lo sob o teste da

⁵⁷ PELLAUER, 2007, p.60.

autocompreensão, isto é, caso desejam analisar se ele não apenas aumenta e acentua a autocompreensão, como também pode reafirmar as verdades essenciais dos outros mitos”⁵⁸.

A proposta de Ricoeur é o desenvolvimento de uma interpretação que seja criativa, que se baseie nos símbolos e nos mitos. Para ele, é através do símbolo que o pensamento emerge, sendo que o símbolo oferece aos seres humanos algo e isso que é oferecido pelos símbolos exige a reflexão, o que significa que não se parte do vazio, mas sim dos símbolos e dos mitos.

Toda linguagem simbólica segundo Ricoeur já apresenta um elemento de interpretação, algo parecido como uma teoria hermenêutica incipiente, que tem com objetivo exercer uma função crítica buscando compreender o mito como mito e o símbolo como símbolo. Para ele, se o homem quer ter uma melhor compreensão da existência humana e da relação do mesmo com o ser de todos os seres, terá que buscar as indicações do pensamento simbólico.

A hermenêutica moderna conforme apresenta Ricoeur sofre uma revivificação a partir do contato que a mesma irá ter com os símbolos fundamentais da consciência⁵⁹, sendo que os mesmos proporcionam através da mediação a compreensão de si. É pela mediação dos símbolos que se afirma a condição linguística original de toda experiência do homem⁶⁰.

Nesta fase de sua filosofia, Paul Ricoeur compreende que hermenêutica será entendida como interpretação dos símbolos. A hermenêutica do símbolo procura construir um processo de desmistificação do mesmo, desvelando as forças inconfessadas que nele se dissimulam, sendo que esta hermenêutica também irá buscar a síntese do sentido do símbolo.

⁵⁸ Idem, 2007, p. 61.

⁵⁹ RICOEUR, 1960, p. 326.

⁶⁰ RICOEUR, 1991, p. 40.

Uma filosofia ensinada por meio dos símbolos tem o papel de transformar de forma qualitativa a consciência reflexiva. O símbolo será visto como uma hierofania, e por fim, uma manifestação da relação do ser humano com o sagrado⁶¹.

A simbólica do mal desenvolvida por Paul Ricoeur, não deve ser vista como uma mitologia vasta, pelo fato de que Ricoeur só se interessa pela tipologia dos relatos míticos que narram a origem e o fim do mal como: o relato da criação, o mito da tragédia do deus malvado, o relato adâmico, que faz uma separação entre a origem do mal e a origem do bem.

O estudo que é desenvolvido de forma tipológica desses relatos apresenta uma visão dinâmica. A narrativa adâmica ganha uma primazia, pois, busca integrar os momentos fundamentais dos outros relatos. Como pode ser entendido, "tal integração escapa a qualquer estudo científico do universo dos mitos. Ela determina fundamentalmente uma aposta hermenêutica"⁶².

A frase, o símbolo faz pensar, encontrada em toda obra de Ricoeur, apresenta duas bases fundamentais de uma filosofia hermenêutica. A primeira base é o acolhimento do sentido em toda situação em que ele se manifesta e a segunda é sempre desenvolver a reflexão filosófica.

Como ensinava Ricoeur, a hermenêutica é uma filosofia da reflexão que permite ser surpreendida pelo símbolo, em qualquer nível que seja. Isto como foi apresentado é percebido dentro da simbólica do mal.

A hermenêutica filosófica abordada por Paul Ricoeur tem como exercício principal, analisar a estrutura de manifestação da semântica de duplo sentido contida nos relatos simbólicos.

⁶¹ RICOEUR, 1960, p. 331.

⁶² OLIVEIRA, 2007, p.32.

7. Considerações finais

Procurou-se apresentar um pouco da filosofia de Paul Ricoeur. O objetivo desta pesquisa foi mostrar a passagem da fenomenologia para a hermenêutica filosófica ocorrida na reflexão filosófica de Ricoeur e o deslocamento que essa mudança gerou no seu pensamento.

Este estudo sobre a passagem da fenomenologia para a hermenêutica filosófica em Paul Ricoeur auxilia a todo aquele que busca compreender mais a respeito do vasto pensamento ricoeuriano a perceber que a hermenêutica será a diretriz em muitos aspectos da filosofia de Ricoeur.

Na primeira parte foi apresentado o percurso intelectual de Paul Ricoeur procurando demonstrar suas principais influências e seu processo de formação. Buscou-se mostrar também os problemas internos que Ricoeur percebeu na fenomenologia. Ele compreende que a fenomenologia e mais especificamente a fenomenologia da vontade era neutra em relação ao mal, a fenomenologia para Ricoeur não dava conta de explicar a experiência do mal que está encarnada na realidade humana. Por isso, ele recorrerá aos símbolos que lidam com a questão do mal ou do erro para ter acesso à forma concreta da má vontade.

Na segunda parte procurou-se apresentar a fenomenologia husserliana e a leitura que Ricoeur realiza da mesma. Husserl direcionou sua pesquisa no que foi chamado de fenomenologia da percepção, sendo que toda a sua preocupação será com a intencionalidade e como ela visa o sentido humano. Para Paul Ricoeur a ação diferentemente do que Husserl pensava deveria ser abordada pela descrição e não pela percepção. Ricoeur compreende que a fenomenologia busca trazer significados para entender a ação

humana dentro do campo da reciprocidade entre o voluntário e o involuntário, ele busca o significado dos fenômenos que estão relacionados ao voluntário e ao involuntário. A intenção para Ricoeur será a grande descoberta da fenomenologia.

Na última parte apresentou a hermenêutica filosófica de Paul Ricoeur. A partir da análise dos símbolos e dos mitos que estão relacionados com o problema do mal, Ricoeur desenvolveu sua hermenêutica que será vista como hermenêutica dos símbolos. Para ele a hermenêutica neste momento de sua vida será compreendida como uma exegese dos símbolos, sendo que a mesma buscará desmistificar os símbolos. A hermenêutica terá como exercício fundamental, analisar a estrutura de manifestação da semântica de duplo sentido contida nos símbolos.

Procurou-se mostrar o que levou Ricoeur a fazer a mudança da fenomenologia para a hermenêutica filosófica. Ele compreendeu que a fenomenologia não dava conta de explicar o problema da experiência do mal que está presente na realidade dos seres humanos, por causa disso, Ricoeur busca na hermenêutica e mais especificamente na hermenêutica dos símbolos, dos mitos a resposta para esta questão fundamental da existência humana.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

Primária

RICOEUR, Paul. *A crítica e a convicção*. Lisboa: Edições 70, 1997.

_____. *Da metafísica à moral*. Lisboa: Instituto Piaget, 1997.

_____. *Do texto à acção – ensaios de hermenêutica II*. Portugal: Rés Editora, 1991.

_____. *La métaphore vive*. Paris: Seuil, 1975.

_____. *Le conflit des interprétations*. Essais d'hermeneutique. Paris: Seuil, 1969.

_____. *Na escola da fenomenologia*. Petrópolis: Vozes, 2009.

_____. *Philosophie de la Volonté I*. Le volontaire et l'involontaire. Paris: Aubier, 1988.

_____. *Philosophie de la Volonté II*. Finitude et culpabilité. Paris: Aubier, 1988.

Secundária

ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. São Paulo: Martins

Fontes, 1999.

HEIDEGGER, Martin. *Ser e tempo*. Petrópolis: Vozes, 2002.

HUSSERL, Edmund. *A ideia da fenomenologia*. Lisboa: Edições 70, 1986.

OLIVEIRA, Érico Fumero de. *A linguagem da bíblia a partir das teorias da metáfora e do texto de Paul Ricoeur*. Dissertação de mestrado.

Belo Horizonte: FAJE, 2007.

PELLAUER, David. *Compreender Ricoeur*. Petrópolis: Vozes, 2007.

SALLES, Walter. Paul Ricoeur e a refiguração da vida diante do mundo do texto. *Síntese*, Belo Horizonte, v. 39, n.124, 2012.

XAVIER, Luiz Felipe. *Da hermenêutica filosófica à hermenêutica*

bíblica: uma análise da compreensão de Paul Ricoeur sobre o mundo do texto e sua influência na busca pelo sentido do discurso religioso.

Dissertação de mestrado. Belo Horizonte: FAJE, 2011.